

MENSAGEM DE ENGRÁCIA FERREIRA



3

Minha filha, essa é uma das modalidades mais simples do alfabeto dos cegos. Faltam outras letras e abreviações, que poderei ensinar de outra vez. O alfabeto tem sofrido transformações. Corrige algum lapso das páginas de hoje, que se destinam à sua mãe.¹⁸

Deus lhes dê paz e saúde. Colabore, Maria, na nossa obra, quando lhe for possível. Tenho conhecido suas dedicações. Continue ensinando às meninas que buscam abrigo no seu teto, como vem fazendo.

Tenho visto seus bons desejos.

Deus há de abençoá-la.

Muita paz e saúde a todos.

Da velha tia,

Engrácia

Reformador | Julho de 1976

¹⁸ A entidade comunicante faz alusão à mensagem recebida anteriormente, na mesma data de 17/05/1937, e que reproduzimos neste volume à p. 153. A mensagem foi destinada à Maria Joviano, filha de D. Júlia Pêgo Amorim.

SIGAMOS VIGIANDO



Compreendemos a expectativa angustiosa dos companheiros sinceros à face das imposições da lei humana e esperamos unicamente do Cristo a inspiração e a providência necessárias à execução dos nossos deveres evangélicos nos círculos da carne, ou fora de suas expressões, mas em serviço, nas atividades terrestres.

O esforço sacrificial é crescente e seria desnecessário acentuar que os amigos desencarnados não podem indicar o caminho a seguir.¹⁹ Nossas estradas se identificam e entrelaçam em quase todas as características, e se os campos de ação diferem na estrutura essencial, nós, os trabalhadores, somos os mesmos.

Semelhantes afirmativas não constituem linguagem sibilina ou propósito de escapar ao exame direto do assunto. É,

¹⁹ Referência às perseguições sofridas pela FEB. As edições de *Reformador* dos meses de outubro de 1974, p. 308, e de março de 1976, p. 67-68, aludem ao assunto.

sim, respeito à lei universal da responsabilidade e do testemunho consciencial do discípulo no trabalho que foi chamado a cumprir. Estamos em luta e podemos esperar o assédio do mal e aquele “escândalo necessário”. Entre o “fermento dos fariseus” e o “pretório” onde os “Pilatos” se multiplicam, o discípulo segue negando-se a si mesmo e carregando a cruz redentora. Este é, ainda, o caminho.

Nas emergências em curso,²⁰ queremos lembrar que não existem dispositivos humanos que coíbam o ato de dar no instituto comum de fraternidade humana, ou que impeçam a oração sincera na manifestação universal dos melhores sentimentos das criaturas.

Recordando esse imperativo da vida, somos de parecer, igualmente, que se nunca deveremos negar a Deus o que é de Deus, sempre haverá um meio de atender a César no capítulo de suas exigências mutáveis, em cada fase das grandes experiências coletivas.

Eis a razão pela qual consideramos que, se for necessário, devem os cristãos voltar às portas fechadas das catacumbas, mas que não apaguem a luz confiada às suas mãos.

Entendemos a complexidade das obrigações cometidas aos discípulos novos, em vista da leviandade com que se vão rotulando, com o nome de Espiritismo, imensas absurdidades e extravagâncias. É nesse acervo de incompreensões e intoxicações psíquicas que os discípulos fiéis encontrarão o seu testemunho, porque, na Terra, o justo suportará o peso das injustiças, qual aconteceu ao Mestre divino em sua passagem pelo mundo.

Nessa movimentação, porém, a liberdade entre os aprendizes é apanágio de cada um e cada qual deve ponderar

²⁰ Referência às perseguições sofridas pela FEB. Vide nota anterior, à p. 155.

quanto às suas possibilidades de testemunhar, como e quando, razão por que não podemos dizer “Marchemos cantando”, mas “sigamos vigiando”. A hora não é de entusiasmos e sim de prudência; não é de inquietação, mas sim de oração ativa. De nós, nada temos, no entanto estou certo de que Jesus não nos faltará com o necessário ao cumprimento do nosso dever.

Esperamos que a sua misericórdia nos conceda, a nós, os companheiros desencarnados, a iluminação precisa para que possamos cooperar com o teu esforço²¹ e dos demais partícipes das grandes responsabilidades da Casa de Ismael.

É a súplica do menor dos teus irmãos,

Emmanuel

Reformador | Agosto de 1976

²¹ Em referindo-se a Guillon Ribeiro, presidente da FEB em 1937.